

UM GENERAL QUE NÃO CHEGOU A SOLDADO

Humberto de Campos

Certa vez uma senhora que alimentava paixão pela farda, reminiscência de um cadete do Ceará que lhe ficara no pensamento, abriu diante dos meus olhos espantados o futuro que me aguardava, e que se tornaria realidade se eu seguisse a carreira militar. Com uma vivacidade atordoante, descreveu-me ela o meu destino vitorioso e seguro, a minha ascensão através dos postos, com o braço enrolado em galões de ouro e o quépi enfeitado de folhas de loureiro, na indumentária oficial dos heróis. Viu-me alferes, aos dezenove anos. tenente, aos vinte e dois. e capitão, e major, e tenente-coronel, e coronel, e, finalmente, general.

— General, como Artur Oscar! — lembrou-me, com o pensamento ainda na campanha de Canudos.

Foi isso por ocasião de uma visita, em companhia de minha mãe. Era à noite. De regresso, arranjei, em caminho, com um antigo alferes, aluno desligado da Escola Militar do Ceará, uma álgebra. E, chegando em casa, comecei a estudar. A lousa pousada na mesa, a cabeça apoiada na mão esquerda, buscava, com simples auxílio do raciocínio, interpretar as regras formuladas literariamente no livro. E já me imaginava no meu uniforme vistoso, marchando à frente das minhas tropas, quando minha mãe, vendo que se aproximava a madrugada, saiu do seu quarto mansamente. À claridade lúgubre do lampião de querosene, eu meditava, cabeceando de sono, diante do método de Trajano. Minha mãe aproximou-se docemente, e pôs a mão, meiga, em minha testa.

— Em que pensas, meu filho?

— Na Escola Militar, mamãe... No princípio do ano que vem vou a Teresina tirar os preparatórios. Depois, sigo para o Rio de Janeiro, e me matriculo na Escola Militar.

Minha mãe sorriu com amargura. Beijou-me a cabeça:

— Com que dinheiro, meu filho?

Fechei o livro. E o futuro general brasileiro viu-se, de repente, degradado, e reduzido, de novo, à sua condição real, e irremediável, de humilde, pequeno e obscuro fabricante de meias na cidade piauiense de Parnaíba...

(*Memórias*, pág. 309, 6ª ed., José Olympio, 1935, Rio)